

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

OUTUBRO DE 1865

Nº 10

Novos Estudos sobre os Espelhos Mágicos ou Psíquicos

O VIDENTE DA FLORESTA DE ZIMMERWALD

Na *Revista Espírita* de outubro de 1864 fizemos um meticoloso relato das observações que acabávamos de fazer sobre um camponês do cantão de Berna, que possui a faculdade de ver, num copo de vidro, as coisas distantes. Novas visitas que lhe fizemos este ano nos permitiram completar as observações e retificar, em certos pontos, a teoria que havíamos dado dos objetos vulgarmente designados sob o nome de *espelhos mágicos*, mais exatamente chamados *espelhos psíquicos*. Como antes de tudo buscamos a verdade e não temos a pretensão de ser infalível, quando acontece nos enganarmos não hesitamos em o reconhecer. Não conhecemos nada mais ridículo do que se aferrar a uma opinião errônea.

Para a compreensão do que se segue, e a fim de evitar repetições, rogamos aos nossos leitores que se reportem ao artigo precitado, que contém uma nota detalhada sobre o vidente em questão e sua maneira de operar.

Apenas lembraremos que se dá o nome de *espelhos mágicos* a objetos de diversas formas e naturezas, quase sempre de reflexo brilhante, tais como copos de beber, garrafas, vidros, placas metálicas, nos quais certas pessoas vêem coisas ausentes. Convencido por uma observação atenta de que essa faculdade não é senão a *dupla vista*, ou seja, a *visão espiritual* ou *psíquica*, independente da visão orgânica, e considerando-se que essa faculdade existe sem o concurso de qualquer objeto, havíamos concluído, de maneira muito absoluta, pela inutilidade desses objetos, pensando que o hábito de os utilizar apenas os tornava necessários, e que todo indivíduo, *vidente* com o seu concurso, poderia ver perfeitamente bem sem eles, caso tivesse vontade. Ora, é aí que está o erro, como vamos demonstrar.

Daremos previamente um relato sucinto dos novos fatos observados, porque servem de base às instruções a que os mesmos deram motivo.

Assim, tendo voltado à casa daquele homem, acompanhado do Sr. comandante de W., que gentilmente nos serviu de intérprete, logo ele se ocupou de nossa saúde; descreveu com facilidade e perfeita exatidão a sede, a causa e a natureza do mal, indicando os remédios necessários.

Em seguida, sem ser provocado por nenhuma pergunta, falou de nossos trabalhos, de seu objetivo e seus resultados, no mesmo sentido que no ano anterior, sem, contudo, ter conservado qualquer lembrança do que havia dito; mas aprofundou muito mais o assunto, cujo alcance parecia compreender melhor. Entrou em detalhes circunstanciados sobre a marcha atual e futura da doutrina que nos ocupa, sobre as causas que devem levar a este ou aquele resultado, sobre os obstáculos que nos serão suscitados e os meios de os superar, sobre as pessoas que nela representam ou devem representar um papel pró ou contra, aquelas sobre cujo devotamento e sinceridade se pode contar ou

não, descrevendo-as física e moralmente, de maneira a provar que as via perfeitamente. Numa palavra, deu-nos uma instrução longamente desenvolvida e logicamente motivada, tanto mais notável porque confirma, em todos os pontos, e completa, sob certas relações, as dos nossos Espíritos protetores. As partes cuja exatidão estávamos em condições de apreciar não podiam deixar dúvida quanto à sua clarividência. Tendo tido com ele várias entrevistas, cada vez voltava ao mesmo assunto, confirmava-o ou o completava, sem jamais se contradizer, mesmo no que havia dito no ano anterior, de que as entrevistas atuais pareciam ser a continuação.

Sendo essa instrução absolutamente pessoal e confidencial, abtemo-nos de relatá-la em detalhes. Mencionamo-la por causa do fato importante que dela ressalta e que relatamos a seguir. Sem dúvida é de grande interesse para nós, mas nosso objetivo principal, voltando a ver esse homem, era fazer novos estudos sobre sua faculdade, no interesse da ciência espírita.

Um fato que constatamos é que não se pode constranger sua lucidez; vê o que se lhe apresenta e o descreve, mas não se pode fazer que veja à vontade o que se deseja, nem aquilo em que se pensa, embora leia os pensamentos. Na sessão principal que nos foi dedicada, em vão tentamos chamar sua atenção para outros assuntos; apesar de seus esforços, declarou nada ver no copo.

Quando trata de um assunto, é possível fazer-lhe perguntas que lhe dizem respeito, mas é inútil interrogá-lo sobre a primeira que surgir. E, contudo, muitas vezes lhe ocorre passar bruscamente do assunto que o ocupa a outro completamente estranho; depois volta ao primeiro. Quando se lhe pergunta a razão, responde que diz o que vê, e que isto não depende dele.

Vê *espontaneamente* as pessoas ausentes, quando estas se ligam diretamente àquilo que é objeto de seu exame, mas não de

outro modo. Seu ponto de partida é o interrogador, sua pessoa, sua residência; daí se desdobram os fatos consecutivos. Também foi inutilmente que tentamos a seguinte experiência. Um dos nossos amigos de Paris, que acabava de nos escrever, desejava que o consultássemos a respeito da doença da filha. Nós lhe entregamos a carta, dizendo-lhe que a pusesse na palma da mão, sob o fundo do copo, pensando que a irradiação do fluido facilitaria a visão da pessoa. Ele nada fez: ao contrário, o reflexo branco do papel o incomodava; disse que a pessoa estava muito longe e, contudo, alguns instantes antes acabava de descrever, com perfeita exatidão e detalhes minuciosos, um indivíduo no qual absolutamente não pensávamos, bem como o local onde mora, e isto a uma distância quatro vezes maior. Mas esta pessoa estava envolvida no assunto que nos dizia respeito, ao passo que a outra lhe era completamente estranha. A sucessão dos acontecimentos o conduzia para um, e não para o outro.

Por conseguinte, sua lucidez não é flexível nem manejável, e absolutamente não se presta ao capricho do interrogador. Não está, pois, de modo algum, apto a satisfazer os que a ele viessem apenas por curiosidade. Aliás, como ele lê no pensamento, seu primeiro cuidado é ver a intenção do visitante, caso não o conheça; se a intenção não for séria, se perceber que o objetivo não é moral nem útil, recusa-se a falar e despede quem quer que lhe venha pedir que leia a sorte ou faça perguntas fúteis ou indiscretas. Numa palavra, é um vidente sério, e não um adivinho.

Como dissemos o ano passado, sua clarividência se aplica principalmente às fontes e aos cursos d'água subterrâneos. Só acessoriamente e por condescendência se ocupa de outras coisas.

É de uma ignorância absoluta, mesmo sobre os princípios mais elementares das ciências, mas tem muito senso

natural e, devido à sua lucidez, muitas vezes supre a falta de conhecimentos adquiridos. Eis um exemplo.

Um dia, em nossa presença, alguém o interrogava sobre a possibilidade da existência de uma fonte mineral em certa localidade. Não há, diz ele, porque o terreno não é propício. Nós lhe fizemos ver que a origem das fontes por vezes está muito afastada do lugar onde se mostram, e se infiltram através de camadas terrestres. É verdade, replicou; mas há regiões onde as camadas são horizontais e outras onde são verticais. Neste de que esse senhor fala, elas são verticais e aí está o obstáculo. De onde lhe vinha essa idéia da direção das camadas terrestres, logo a ele que não tem a mínima noção de Geologia?

Nós o observamos cuidadosamente durante todo o curso de suas operações, e eis o que notamos:

Uma vez sentado, toma o seu copo, segura-o como descrevemos em nosso artigo anterior, olha alternativamente o fundo do copo e os assistentes e, durante cerca de um quarto de hora, fala de coisas sem importância, depois do que aborda o assunto principal. Nesse momento seus olhos, naturalmente vivos e penetrantes, ficam semicerrados, embaciam-se e se contraem; as pupilas desaparecem para o alto, deixando ver apenas o branco. De vez em quando, quando fixa alguém, as pupilas se mostram em parte ligeiramente, para de novo desaparecerem totalmente; e, contudo, olha sempre o fundo do copo ou as linhas que traça a giz. Ora, é bem evidente que, nesse estado, não é pelos olhos que vê. Salvo esta particularidade, nada há nele de sensivelmente anormal; fala com simplicidade, sem ênfase, como no estado ordinário, e não como um inspirado.

Na noite em que tivemos a nossa principal sessão, pedimos, através de um médium escrevente, instruções aos Espíritos bons sobre os fatos que acabávamos de testemunhar.

P. – Que se deve pensar das revelações espontâneas que hoje nos fez o vidente da floresta?

Resp. – Quisemos dar-vos uma prova da faculdade desse homem. Havíamos preparado o assunto de que ele devia tratar; por isto não pôde responder às outras perguntas que lhe fizestes. O que vos falou era apenas a nossa opinião. Ficastes admirado do que vos disse; falava por nós sem o saber e, neste momento, não sabe mais o que disse, como já não se lembra do que falou o ano passado, pois o seu raio de inteligência não chega até lá. Ao falar, nem mesmo compreendia o alcance do que dizia; falava melhor do que o teria feito o médium aqui presente, temeroso de ir muito longe. Eis por que dele nos servimos, por ser um instrumento mais dócil para as instruções que vos queríamos dar.

P. – Ele falou de um indivíduo que, segundo a descrição física e moral que dele fez, e por sua posição, parecia ser tal personagem. Poderíeis dizer se é, realmente, a que quis designar?

Resp. – Ele disse o que deveis saber.

Observação – É, pois, evidente que à faculdade natural desse homem se alia a mediunidade, ao menos acidentalmente, se não de maneira permanente; ou seja, a lucidez lhe é pessoal e não uma questão de Espíritos, mas os Espíritos podem dar a essa lucidez a direção que lhes convém, num caso determinado, inspirar-lhe o que deve dizer e só o deixar dizer aquilo que for preciso. Ele é, pois, conforme a necessidade, *médium inconsciente*.

A faculdade de ver a distância e através dos corpos opacos só nos parece extraordinária, incompreensível, porque constitui um sentido de que não gozamos no estado normal. Estamos exatamente como os cegos de nascença, que não compreendem que se possa conhecer a existência, a forma e as propriedades dos objetos sem os tocar; ignoram que o fluido luminoso é o intermediário que nos põe em relação com os objetos afastados e nos traz a sua imagem. Sem o conhecimento das

propriedades do fluido perispiritual, não compreendemos a visão sem o concurso dos olhos; a tal respeito somos verdadeiros cegos. Ora, a faculdade de ver a distância, com o auxílio do fluido perispiritual, não é mais maravilhosa e miraculosa que a de ver os astros a milhões de léguas, com o auxílio do fluido luminoso²⁵.

P. – Teríeis a bondade de dizer se o copo de que este homem se serve lhe é verdadeiramente útil? se igualmente não poderia ver em outro copo, num objeto qualquer, ou mesmo sem objeto, caso o quisesse? se a necessidade ou a especialidade do copo não seria um efeito do hábito, que lhe faz crer não poder dispensá-lo? Enfim, se a presença do copo é necessária, que ação exerce tal objeto sobre a sua lucidez?

Resp. – Estando o seu olhar concentrado no fundo do copo, o *reflexo brilhante* age primeiramente sobre os olhos, depois sobre o sistema nervoso, provocando uma espécie de semi-sonambulismo ou, mais exatamente, de sonambulismo desperto, no qual o Espírito, desprendido da matéria, adquire a clarividência, ou visão da alma, que chamais segunda vista.

Existe uma certa relação entre a forma do fundo do copo e a forma exterior ou a disposição de seus olhos. É por isto que ele não encontra facilmente os que reúnem as condições necessárias. (vide artigo do mês de outubro de 1864). Embora aparentemente os copos vos sejam semelhantes, há no poder refletor e no modo de irradiação, segundo a forma, a espessura e a qualidade, nuances que não podeis apreciar, e que são adequadas ao seu organismo individual.

25 Neste momento o *Siècle* publica, sob o título de *A dupla vista*, um interessantíssimo romance-folhetim de Élie Berthet. Na hora atual vem a propósito. Há cerca de dois anos o Sr. Xavier Saintine tinha publicado no *Constitutionnel*, sob o título de *A segunda vista*, uma série de fatos baseados na pluralidade das existências e nas relações espontâneas que se estabelecem entre vivos e mortos. É assim que a literatura ajuda a vulgarização das idéias novas. Aí só falta a palavra *Espiritismo*.

Para ele, portanto, o copo é um meio de desenvolver e de fixar sua lucidez. É-lhe realmente necessário, porque nele, *não sendo permanente o estado de lucidez*, necessita ser provocado; outro objeto não o poderia substituir, e esse mesmo copo, que sobre ele produz esse efeito, nada produziria sobre outra pessoa, mesmo vidente. Os meios de provocar essa lucidez variam conforme os indivíduos.

CONSEQÜÊNCIAS DA EXPLICAÇÃO PRECEDENTE

Eis-nos no ponto principal a que nos propusemos. A explicação precedente parece resolver a questão com perfeita clareza. Tudo está nestas palavras: *A lucidez não é permanente neste homem*. O copo é um meio de a provocar, pela ação da irradiação sobre o sistema nervoso. Mas é preciso que o modo de irradiação esteja em relação com o organismo. Daí a variedade dos objetos que podem produzir tal efeito, conforme os indivíduos predispostos a sofrê-los. Disto resulta que:

1^o – Para aqueles em que a visão psíquica é espontânea ou permanente, o emprego de agentes artificiais é inútil; 2^o – esses agentes são necessários quando a faculdade necessita ser superexcitada; 3^o – devendo esses agentes ser apropriados ao organismo, o que tem ação sobre uns nada produz sobre outros.

Certas particularidades de nosso vidente encontram sua razão de ser nesta explicação.

A carta colocada debaixo do copo, em vez de o facilitar, o perturbava, porque mudava a natureza do reflexo que lhe é próprio.

Dissemos que ele, ao começar, fala de coisas sem importância, enquanto olha o corpo. É que a ação não é instantânea, e essa conversa preliminar, sem objetivo aparente, dura o tempo necessário à produção do efeito.

Assim como o estado lúcido não se desenvolve senão gradualmente, não cessa de repente. É a razão pela qual esse homem ainda continua vendo alguns instantes depois de ter deixado de olhar em seu copo, o que nos tinha levado a supor que o objeto fosse inútil. Mas como, de certo modo, o estado lúcido é artificial, de vez em quando ele recorre ao copo para o manter.

Até certo ponto compreende-se o desenvolvimento da faculdade por um meio material; mas como a imagem de uma pessoa distante pode apresentar-se num copo? Só o Espiritismo pode resolver este problema, pelo conhecimento que dá da natureza da alma, de suas faculdades, das propriedades de seu invólucro perispiritual, de sua irradiação, de seu poder emancipador e de seu desprendimento do envoltório corporal. No estado de desprendimento, a alma desfruta de percepções que lhe são próprias, sem o concurso dos órgãos materiais; a visão é um atributo do ser espiritual; vê por si mesmo, sem o auxílio dos olhos, como ouve sem o concurso do ouvido; *se os órgãos dos sentidos fossem indispensáveis às percepções da alma, seguir-se-ia que, depois da morte, não tendo mais a alma esses órgãos, seria surda e cega.* O desprendimento completo, que ocorre após a morte, produz-se parcialmente durante a vida, e é então que se manifesta o fenômeno da visão espiritual, ou, em outras palavras, da dupla vista ou segunda vista, ou da visão psíquica, cujo poder se estende tão longe quanto a irradiação da alma.

No caso de que se trata, a imagem não se forma na substância do vidro; é a própria alma que, por sua irradiação, percebe o objeto no local onde se encontra. Mas como, nesse homem, o copo é o agente provocador do estado lúcido, a imagem lhe aparece muito naturalmente na direção do copo. É absolutamente como aquele que precisa de um óculo de alcance para ver ao longe o que não pode distinguir a olho nu; a imagem do objeto não está nos vidros da luneta, mas na direção dos vidros, que lhe permitem vê-la. Tirei-lhe o instrumento e ele nada mais

verá. Prosseguindo a comparação, diremos que, assim como aquele que tem uma boa vista não necessita de lunetas, o que goza naturalmente da visão psíquica não precisa de meios artificiais para provocá-la.

Há alguns anos, um médico descobriu que, pondo entre os olhos, na base do nariz, uma rolha de garrafa, uma bola de cristal ou de metal brilhante, e fazendo convergirem os raios visuais para esse objeto durante algum tempo, a pessoa entrava numa espécie de estado cataléptico, durante o qual se manifestavam algumas das faculdades que se notam em certos sonâmbulos, entre outras a insensibilidade e a visão a distância, através dos corpos opacos, e que esse estado cessava pouco a pouco, após a retirada do objeto. Evidentemente era um efeito magnético, produzido por um corpo inerte.

Que papel fisiológico desempenha o reflexo brilhante nesse fenômeno? É o que se ignora. Mas, se essa condição é necessária na maioria dos casos, constatou-se que não o é sempre, e que o mesmo efeito é produzido em certos indivíduos com o auxílio de objetos foscos.

Este fenômeno, ao qual se deu o nome de *hipnotismo*, fez ruído nos meios científicos. Experimentaram. Uns tiveram sucesso, outros fracassaram, como devia ser, pois nem todos os pacientes tinham a mesma aptidão. Certamente valia a pena estudar a coisa, fosse ainda excepcional; mas – é lamentável dizer – desde que perceberam que era uma porta secreta pela qual o magnetismo e o sonambulismo iriam penetrar, sob uma outra forma e um outro nome, no santuário da ciência oficial, não mais se cogitou de hipnotismo. (Vide a *Revista Espírita* de janeiro de 1860).

Entretanto, jamais a Natureza perde os seus direitos. Se as leis são desconhecidas por algum tempo, muitas vezes volta à carga e as apresenta sob formas tão variadas que, mais cedo ou

mais tarde, obriga a abrir os olhos. O Espiritismo é prova disto; por mais que o neguem, o denigram, o repilam, ele bate em todas as portas de cem maneiras diferentes e, por bem ou por mal, penetra naqueles mesmos que dele não querem ouvir falar.

Comparando este fenômeno com aquele que nos ocupa, e principalmente com as explicações dadas acima, nota-se, nos efeitos e nas causas, uma analogia surpreendente, donde se pode tirar a seguinte conclusão: os corpos vulgarmente chamados *espelhos mágicos* não passam de agentes hipnóticos, infinitamente variados em suas formas e em seus efeitos, segundo a natureza e o grau das aptidões.

Isto posto, não seria impossível que certas pessoas, dotadas espontânea e acidentalmente dessa faculdade, sofressem, sem que o soubessem, a influência magnética de objetos exteriores, sobre os quais maquinalmente fixam os olhos. Por que o reflexo da água, de um lago, de um pântano, de um ribeirão, mesmo de um *astro*, não produziria o mesmo efeito que um copo ou uma garrafa, sobre certas organizações convenientemente predispostas? Mas isto não passa de uma hipótese que precisa da confirmação da experiência.

Aliás, este fenômeno não é uma descoberta moderna. É encontrado, mesmo em nossos dias, nos povos mais atrasados, tanto é certo que o que está na Natureza tem o privilégio de ser de todos os tempos e lugares. A princípio aceitam-no como um fato: a explicação vem depois, com o progresso, e à medida que o homem avança no conhecimento das leis que regem o mundo.

Tais as conseqüências que parecem decorrer logicamente dos fatos observados.

Partida de um Adversário do Espiritismo para o Mundo dos Espíritos

Escrevem-nos de V...:

“Há algum tempo morreu um eclesiástico nas nossas vizinhanças. Era um adversário declarado do Espiritismo, mas não um desses adversários furibundos, como se vêem tantos, que suprem a falta de boas razões pela violência e pela injúria. Era um homem instruído, de inteligência superior. Combatia-o com talento, sem acrimônia e sem se afastar das conveniências. Infelizmente para ele, e a despeito de todo o seu saber e incontestável mérito, só lhe pôde opor os lugares-comuns ordinários e, para o derrubar, não encontrou nenhum desses argumentos que levam ao espírito das massas uma convicção irresistível. Sua idéia fixa, ou pelo menos a que buscava fazer prevalecer, era que o Espiritismo só teria um tempo; que sua rápida propagação não passava de um entusiasmo passageiro, e que cairia como todas as idéias utópicas.

“Tivemos a idéia de o evocar em nosso pequeno círculo. Sua comunicação nos pareceu instrutiva, sob vários aspectos, razão por que nós vo-la remetemos. Em nossa opinião ela traz um selo incontestável de identidade.

“Eis a comunicação:

P. – [Ao guia do médium]. Teríeis a bondade de dizer se podemos fazer a evocação do Sr. abade D...?

Resp. – Sim; ele virá. Mas, embora persuadido da realidade de vossos ensinamentos, de que a morte o convenceu, ainda tentará provar-vos a inutilidade dos vossos esforços para os espalhar de maneira séria. Ei-lo pronto a apoiar-se em dissensões momentâneas suscitadas por alguns irmãos que se extraviaram, para vos provar a insanidade de vossa doutrina. Escutai-o; sua linguagem vos fará conhecer a maneira por que lhe deveis falar.

Evocação – Caro Espírito D..., esperamos que, com a ajuda de Deus e dos Espíritos bons, vos digneis comunicar-vos conosco. Como podeis ver, todo sentimento de curiosidade está longe de nosso pensamento. Provocando esta conversa, nosso objetivo é dela tirar uma instrução proveitosa para nós e, talvez, também para vós. Ser-vos-emos, pois, reconhecidos pelo que nos quiserdes dizer.

Resp. – Tendes razão de me chamar, mas vos enganais supondo que eu pudesse recusar-me a vir até vós. Ficai certos de que meu título de adversário do Espiritismo não é motivo para que eu guarde silêncio; tenho boas razões para falar.

Minha vinda é uma confissão, uma afirmação dos vossos ensinos. Eu o sei e o reconheço. Estou convencido da realidade das manifestações que hoje experimento, mas não é uma razão para que lhe reconheça a excelência, nem que admita como certo o objetivo a que vos propondes. Sim, os Espíritos se comunicam, e não apenas os *demônios*, como ensinamos, e por cálculo. É inútil que me estenda a respeito, pois conheceis tão bem quanto eu as razões que nos levam a agir assim. Certamente, os Espíritos de todas as espécies se comunicam; disto sou uma prova, porquanto, embora não tenha a veledade de me crer um ser superior, quer por meus conhecimentos, quer por minha moralidade, tenho bastante consciência de meu valor para me estimar acima dessas categorias de Espíritos sujeitos à expiação das mais vis imperfeições. Não sou perfeito; como qualquer um, cometi faltas. Mas – reconheço com orgulho – se fui um homem de partido, fui, ao mesmo tempo, um homem de bem, no verdadeiro sentido da palavra.

Escutai-me, pois. Os padres podem estar equivocados em vos combater. Não sei o que reserva o futuro e não entrarei em

discussão se há ou não fundamento em sua oposição, verdadeiramente sistemática; mas, também, examinando com cuidado todas as conseqüências de uma aceitação, não podeis deixar de reconhecer que causaríeis a sua ruína social ou, pelo menos, uma transformação tão absoluta, que todo privilégio, toda separação dos outros homens a rigor seriam aniquiladas. Ora, não se renuncia com alegria no coração a uma realeza tão invejável, a um prestígio que eleva acima do comum, a riquezas que, por serem materiais, não são menos necessárias à satisfação do padre quanto à do homem comum. Pelo Espiritismo, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é qualquer um; o padre é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o operário caridoso que ergue seu companheiro *caído*. Vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! é grande! é belo! Mas, é preciso dizer, mais cedo ou mais tarde é a ruína, não do homem, que só pode ganhar com esses ensinamentos, mas da família clerical. Não se renuncia de boa vontade, repito, às honras, ao respeito que se está habituado a colher. Tendes razão, eu o quero! e, contudo, não posso desaprovar nossa atitude frente ao vosso ensino; digo *nosssa*, porque ainda é minha, apesar de tudo o que vejo e de tudo o que podereis dizer-me.

Admitamos vossa doutrina firmada; ei-la escutada, por toda parte estendendo suas ramificações, no seio do povo como nas classes ricas, no artesão como no literato. *Este último é que vos prestará o concurso mais eficaz*; mas que resultará de tudo isto? Em minha opinião, ei-lo:

Já se operam divisões entre vós. Existem duas grandes seitas entre os espíritas: os espiritualistas da escola americana e os espíritas da escola francesa. Mas consideremos apenas esta última. É uma? Não. Eis, de um lado, os *puristas* ou *kardecistas*, que não admitem nenhuma verdade senão depois de um exame atento e da concordância com todos os dados; é o núcleo principal, mas não é

o único; diversos ramos, depois de se terem infiltrado nos grandes ensinamentos do centro, se separam da mãe comum para formar seitas particulares; outros, não inteiramente destacados do tronco, emitem opiniões subversivas. Cada chefe de oposição tem seus aliados; os campos ainda não estão delineados, mas se formam e logo rebentará a cisão. Eu vos digo, o Espiritismo, assim como as doutrinas filosóficas que o precederam, não poderia ter uma longa duração. Foi e cresceu, mas agora está no topo e já começa a descer. Sempre faz alguns adeptos, mas, como o são-simonismo, como o fourierismo, como os teósofos, cairá, talvez para ser substituído, mas cairá, creio firmemente.

Contudo, seu princípio existe: os Espíritos; mas, também, não tem os seus perigos? Os Espíritos inferiores podem comunicar-se: é a sua perda. Os homens são, antes de tudo, dominados por suas paixões, e os Espíritos de que acabo de falar estão habituados a excitá-los. Como há mais imperfeições do que qualidades em nossa Humanidade, é evidente que o Espírito do mal triunfará, e que se o Espiritismo algo pode, certamente será a invasão de um flagelo terrível para todos.

Dito isto, concludo que, bom em essência, é mau por seus próprios resultados e, então é prudente rejeitá-lo.

O médium – Caro Espírito, se o Espiritismo fosse uma concepção humana, eu teria a mesma opinião que a vossa; mas se vos é impossível negar a existência dos Espíritos, também não podeis ignorar, no movimento dirigido pelos seres invisíveis, a mão poderosa da Divindade. Ora, a menos que negueis os vossos próprios ensinamentos, quando estáveis na Terra, não podereis admitir que a ação do homem possa ser um obstáculo à vontade de Deus, seu criador. De duas, uma: ou o Espiritismo é uma obra de invenção humana e, como toda obra humana, sujeita à ruína; ou é obra de Deus, a manifestação da sua vontade e, neste caso, nenhum obstáculo poderia impedi-lo e nem mesmo retardar o seu

desenvolvimento. Se, pois, reconheceis que existem Espíritos, e que esses Espíritos se comunicam para nos instruir, isto não pode estar fora da vontade divina, porque, então, existiria ao lado de Deus um poder independente, que destruiria sua qualidade de todopoderoso e, por conseguinte, de Deus. O Espiritismo não poderia ser arruinado pelo fato de algumas dissensões que os interesses humanos poderiam gerar em seu seio.

Resp. – Talvez tendes razão, meu jovem amigo (o médium era um rapaz), mas mantenho o que disse. Cesso toda discussão a respeito. Estou à vossa disposição para qualquer pergunta que queirais fazer, isto à parte.

O médium – Pois bem! já que o permitis, sem insistir sobre um assunto que talvez vos fosse penoso prosseguir no momento, rogaríamos que nos descrevêsseis vossa passagem desta para a vida em que estais, dizer se ficastes perturbado e se, na vossa posição atual, vos podemos ser úteis.

Resp. – Mau grado meu, não posso deixar de reconhecer a excelência desses princípios que ensinam ao homem o que é a morte e que lhe fazem ter afeição por seres que lhe são totalmente desconhecidos. Mas... enfim, meu caro jovem, vou responder à vossa pergunta. Não quero abusar do vosso tempo e satisfarei o vosso desejo em poucas palavras.

Confessarei, pois, que no momento de morrer estava apreensivo. Era a matéria que me levava a lamentar esta existência? era a ignorância do futuro? não vo-lo ocultarei, eu tinha medo! Perguntais se eu estava perturbado; como o entendeis? Se quereis dizer que a ação violenta da separação me mergulhou numa espécie de letargia moral, da qual saí como de um sono penoso, sim, fiquei perturbado; mas se entendeis uma perturbação nas funções da inteligência: a memória, a consciência de si mesmo, não. Entretanto, a perturbação existe para certos seres; talvez também

para mim, embora não o creia. Mas o que creio é que, geralmente, esse fenômeno não deve ocorrer imediatamente após a morte. É verdade que fiquei surpreso ao ver a existência do Espírito tal qual ensinai, mas isto não é perturbação. Eis como entendo a perturbação, e em que circunstâncias a experimentalia.

Se eu não estivesse seguro da verdade de minha crença; se a dúvida tivesse entrado em minha alma a respeito do que então acreditei; se uma modificação brusca se operasse em minha maneira de ver, aí eu teria ficado perturbado. Mas minha opinião é que tal perturbação não deve ocorrer logo depois da morte. Se creio no que me diz a razão, ao morrer o ser deve ficar tal qual era antes de passar... só mais tarde, quando o isolamento, a mudança que se opera gradualmente à sua volta, modificam suas opiniões, quando seu ser experimenta um abalo moral que faz vacilar sua segurança primitiva, é que começa realmente a perturbação.

Perguntais se me podeis ser útil em alguma coisa. Minha religião me ensina que a prece é boa; vossa crença diz que é útil. Então orai por mim e tende certeza de meu reconhecimento. Apesar da dissidência que existe entre nós, não ficarei menos satisfeito por vir conversar algumas vezes convosco.

Abade D...

Nosso correspondente tinha razão ao dizer que essa comunicação é instrutiva. Ela o é, com efeito, sob muitos aspectos, e nossos leitores apreenderão facilmente os graves ensinamentos que dela ressaltam, sem que tenhamos necessidade de os assinalar. Aí vemos um Espírito que, em vida, tinha combatido nossas doutrinas e esgotado contra ela todos os argumentos que seu profundo saber pudera lhe fornecer; sábio teólogo, é provável que não tenha desprezado nenhum. Como Espírito há pouco desencarnado, reconhecendo as verdades fundamentais sobre as quais nos apoiamos, nem por isso persiste menos em sua oposição, e isto

pelos mesmos motivos. Ora, é incontestável que, se mais lúcido no seu estado espiritual, tivesse encontrado argumentos mais peremptórios para nos combater, os teria feito valer. Longe disto, parece ter medo de enxergar muito claro e, contudo, pressente uma modificação em suas idéias. Ainda imbuído das idéias terrenas, a elas liga todos os seus pensamentos; o futuro o assusta, razão por que não ousa encará-lo.

Responder-lhe-emos como se ele tivesse escrito, em vida, o que ditou depois da morte. Dirigimo-nos tanto ao homem quanto ao Espírito, assim respondendo aos que partilham sua maneira de ver e que nos poderiam opor os mesmos argumentos.

Assim lhe diremos:

Senhor abade, embora tenhais sido nosso adversário declarado e militante na Terra, nenhum de nós o tem assim, nem hoje, nem quando éreis vivo, primeiro porque nossa fé faz da tolerância uma lei e, aos nossos olhos todas as opiniões são respeitáveis, quando sinceras. A liberdade de consciência é um dos nossos princípios; nós a queremos para os outros, como a desejamos para nós. Só a Deus cabe julgar a validade das crenças e nenhum homem tem o direito de anatematizar em nome de Deus. A liberdade de consciência não tira o direito de discussão e de refutação, mas a caridade ordena não amaldiçoar ninguém. Em segundo lugar, não vos queremos menos por isto, porque vossa oposição não trouxe nenhum prejuízo à doutrina; servistes à causa do Espiritismo sem o saber, como todos os que o atacam, ajudando a torná-lo conhecido e provando, sobretudo em razão do vosso mérito pessoal, a insuficiência das armas que empregam para o combater.

Permiti-me, agora, discutir algumas de vossas proposições.

Sobretudo uma me parece pecar, em alto grau, contra a

lógica. É aquela em que dizeis que “*O Espiritismo, bom por essência, é mau por seus resultados.*” Parece que esquecestes a máxima do Cristo, tornada proverbial pela força da verdade: “Uma árvore boa não pode dar maus frutos.” Não se compreenderia que uma coisa boa *em sua própria essência* pudesse ser perniciosa.

Dizeis noutra parte que o perigo do Espiritismo está na manifestação dos Espíritos maus que, em proveito do mal, explorarão as paixões dos homens. Era uma das teses que sustentáveis em vida. Mas, ao lado dos Espíritos maus, há os bons, que excitam ao bem, ao passo que, segundo a doutrina da Igreja, o poder de comunicar-se só é dado aos demônios. Se, pois, achais o Espiritismo perigoso, porque admite a comunicação dos Espíritos maus, ao lado dos bons, a doutrina da Igreja, se fosse verdadeira, ainda seria muito mais perigosa, porque só admite a dos maus.

Aliás, não foi o Espiritismo quem inventou a manifestação dos Espíritos, nem é causa de sua comunicação. Ele apenas constata um fato, que se produziu em todos os tempos, porque está em a Natureza. Para que o Espiritismo deixasse de existir, seria preciso que os Espíritos deixassem de se manifestar. Se essa manifestação oferece perigos, não se deve acusar o Espiritismo, mas a Natureza. A ciência da eletricidade será a causa dos prejuízos ocasionados pelo raio? Não, certamente; ela dá a conhecer a causa do raio e ensina os meios de o desviar. Dá-se o mesmo com o Espiritismo: torna conhecida a causa de uma influência perniciosa, que age sobre o homem à sua revelia, e lhe indica os meios de dela se proteger, ao passo que se a ignorasse sofrê-la-ia e a ela se exporia sem suspeitar.

A influência dos Espíritos maus faz parte dos flagelos a que o homem está exposto na Terra, como as doenças e os acidentes de toda sorte, porque está num mundo de expiação e de prova, onde deve trabalhar por seu adiantamento moral e

intelectual. Mas Deus, em sua bondade, ao lado do mal sempre põe o remédio; deu ao homem a inteligência para o descobrir; é a isto que conduz o progresso das ciências. O Espiritismo vem indicar o remédio a um desses males; ensina que para a ele se subtrair e neutralizar a influência dos Espíritos maus, é preciso tornar-se melhor, domar os maus pendores, praticar as virtudes ensinadas pelo Cristo: a humildade e a caridade. Então é a isto que chamais maus resultados?

A manifestação dos Espíritos é um fato positivo, reconhecido pela Igreja. Ora, hoje a experiência vem demonstrar que os Espíritos são as almas dos homens, razão pela qual há tantos imperfeitos. Se o fato vem contradizer certos dogmas, o Espiritismo não é mais responsável que a Geologia, por ter demonstrado que a Terra não foi feita em seis dias. O erro desses dogmas é não estarem de acordo com as leis da Natureza. Por essas manifestações, como pelas descobertas da Ciência, quer Deus reconduzir o homem a crenças mais verdadeiras. Repelir o progresso é, pois, desconhecer a vontade de Deus; atribuí-lo ao demônio é blasfemar contra Deus. Querer, por bem ou por mal, manter uma crença que se opõe à evidência e fazer de um princípio reconhecido como falso a base de uma doutrina é escorar uma casa num esteio carcomido; pouco a pouco o esteio se quebra e a casa cai.

Dizeis que a oposição da Igreja ao Espiritismo tem sua razão de ser e a aprovais, porque causaria a ruína do clero, cuja separação do comum dos mortais seria aniquilada. Dizeis: “Com o Espiritismo, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é qualquer um; é o homem de bem que ensina a verdade a seus irmãos; é o operário caridoso que ergue seu companheiro caído; vosso sacerdote é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! é grande! é belo! Mas não se renuncia com alegria no coração a uma realeza, a um prestígio que vos eleva acima do comum, ao respeito, às honras que se está habituado a colher, a riquezas que, por serem materiais, não são menos necessárias à satisfação do padre quanto à do homem ordinário.”

Pois quê! então o clero seria movido por sentimentos tão mesquinhos? Desconheceria a tal ponto estas palavras do Cristo: “Meu reino não é deste mundo”, que sacrificaria o interesse da verdade à satisfação do orgulho, da ambição e das paixões mundanas? Então não acreditaria nesse reino prometido por Jesus-Cristo, desde que a ele prefere o da Terra. Assim, teria seu ponto de apoio no céu, apenas em aparência, e para se dar prestígio, mas na verdade para salvaguardar seus interesses terrenos! Preferimos crer que se tal for o móvel de alguns de seus membros, não é o sentimento da maioria; se assim não fosse, seu reino estaria bem próximo de acabar, e vossas palavras seriam sua sentença, porque o reino celeste é o único eterno, ao passo que os da Terra são frágeis e sem estabilidade.

Ides muito longe, Sr. abade, em vossas previsões sobre as conseqüências do Espiritismo; mas longe do que eu em meus escritos. Sem vos acompanhar neste terreno, direi simplesmente, porque cada um o presente, que o resultado inevitável será uma transformação da sociedade; ele criará uma nova ordem de coisas, novos hábitos, novas necessidades; modificará as crenças, as relações sociais; fará à moral o que fazem, do ponto de vista material, todas as grandes descobertas da indústria e das ciências. Essa transformação vos assusta e é por isso que, ao pressenti-la, vós a afastais do pensamento; quereríeis não crer nela; numa palavra, fechais os olhos para não ver, e os ouvidos para não ouvir. Dá-se o mesmo com muitos homens na Terra. Entretanto, se essa transformação estiver nos desígnios da Providência, realizar-se-á, façam o que fizerem; será preciso suportá-la, quer queiram quer não e a ela se dobrar, como os homens do antigo regime tiveram de sofrer as conseqüências da Revolução, que também negavam e declaravam impossível, antes que se tivesse realizado. A quem lhes houvesse dito que em menos de um quarto de século todos os privilégios seriam abolidos; que um menino não seria mais coronel ao nascer; que não mais se compraria um regimento como uma boiada; que o soldado poderia tornar-se marechal e o último

plebeu, ministro; que todos os direitos seriam iguais para todos e que o fazendeiro teria voz igual em todos os negócios de seu rincão, ao lado do seu senhor, eles teriam balançado os ombros de incredulidade e, contudo, se um deles tivesse adormecido e despertado, como Epimênides, quarenta anos mais tarde, julgaria encontrar-se num outro mundo.

É o temor do futuro que vos faz dizer que o Espiritismo terá apenas um tempo; procurai vos iludir, quereis prová-lo a vós mesmos e acabais crendo de boa-fé, porque isto vos tranqüiliza. Mas que razão apresentais? A menos concludente de todas, como é fácil demonstrar.

Ah! se provásseis terminantemente que o Espiritismo é uma utopia, que repousa sobre um erro material *de fato*, sobre uma base falsa, ilusória, sem fundamento, então teríeis razão. Mas, ao contrário, afirmais a existência do princípio e, além disso, a excelência desse princípio; reconheceis, e convosco a Igreja, a realidade do fato material sobre o qual repousa: o das manifestações. Tal fato pode ser destruído? Não, como não se pode aniquilar o movimento da Terra. Uma vez que está na Natureza, produzir-se-á sempre. Esse fato, outrora incompreendido, porém mais bem estudado e mais compreendido hoje, traz *em si mesmo* conseqüências inevitáveis. Se não o podeis destruir, sois forçado a lhe sofrer as conseqüências. Segui-o passo a passo em suas ramificações e chegareis fatalmente a uma revolução nas idéias. Ora, uma mudança nas idéias leva forçosamente a uma mudança na ordem das coisas. (Vide *O que é o Espiritismo?*).

Por outro lado, o Espiritismo não dobra as inteligências ao seu jugo; não impõe uma crença cega; quer que a fé se apóie na compreensão. É sobretudo nisto, Sr. abade, que diferimos na maneira de ver. Ele deixa a cada um inteira liberdade de exame, em virtude do princípio de que, sendo a verdade *uma*, mais cedo ou mais tarde deve prevalecer sobre o que é falso, e que um princípio

fundado no erro cai pela força das coisas. Entregues à discussão, as idéias falsas mostram seu lado fraco e se apagam ante o poder da lógica. Essas divergências são inevitáveis, porque ajudam a depuração e a solidez da idéia fundamental; e é preferível que se produzam desde o começo, pois a doutrina verdadeira dela se livrará mais cedo. É por isso que sempre dissemos aos adeptos: Não vos inquieteis com as idéias contraditórias, que podem ser emitidas ou publicadas. Vede quantas já morreram no nascedouro! quantos escritos dos quais não mais se fala! O que buscamos? O triunfo, a qualquer custo, de nossas idéias? Não, mas o da verdade. Se, no número das idéias contrárias, algumas forem mais verdadeiras que as nossas, elas prevalecerão e deveremos adotá-las; se forem falsas, não poderão suportar a prova decisiva do controle do ensino universal dos Espíritos, único critério da idéia que sobreviverá.

A comparação que estabeleceis entre o Espiritismo e outras doutrinas filosóficas carece de exatidão. Não foram os homens que fizeram do Espiritismo o que ele é, nem que farão o que será mais tarde; são os Espíritos por seus ensinamentos. Os homens apenas o põem em ação e coordenam os materiais que lhes são fornecidos. Esse ensino ainda não está completo e não se deve considerar o que deram até hoje senão como as primeiras balizas da ciência. Pode-se compará-lo às quatro operações em relação às matemáticas, e ainda estamos nas equações do primeiro grau. Daí por que muita gente ainda não lhe compreende a importância, nem o alcance. Mas os Espíritos regulam seu ensino à vontade e de ninguém depende fazê-los ir mais depressa ou mais devagar do que eles querem; eles não acompanham os impacientes, nem vão a reboque dos retardatários.

O Espiritismo não é obra *de um só Espírito*, nem *de um só homem*; é obra *dos Espíritos* em geral. Segue-se daí que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos espíritas senão como opinião individual, que pode ser justa

ou falsa, e só tem valor quando sancionada pelo ensino da maioria, dado em diversos pontos do globo. Foi esse ensino universal que fez o que ele é e que fará o que ele será. Diante desse poderoso critério caem, necessariamente, todas as teorias particulares que fossem produto de idéias sistemáticas, quer de um homem, quer de um Espírito isoladamente. Sem dúvida uma idéia falsa pode agrupar *à sua volta* alguns partidários, mas jamais prevalecerá contra a que é ensinada em toda parte.

O Espiritismo, que mal acaba de nascer, mas que já levanta questões da mais alta gravidade, necessariamente põe em efervescência uma porção de imaginações. Cada um vê a coisa de seu ponto de vista. Daí a diversidade dos sistemas surgidos em seu começo, a maioria dos quais já tombados ante a força do ensino geral. Dar-se-á o mesmo com todos os que não estiverem com a verdade, porquanto, ao ensino divergente de um Espírito, dado por um médium, opor-se-á sempre o ensino uniforme de milhões de Espíritos, dado por milhões de médiuns. Eis a razão pela qual certas teorias excêntricas viveram apenas alguns dias e não saíram do círculo onde nasceram. Privadas de sanção, não encontram na opinião das massas nem ecos nem simpatias e se, além disso, chocam a lógica e o bom-senso, provocam um sentimento de repulsa, que lhes precipita a queda.

O Espiritismo possui, pois, um elemento de estabilidade e de unidade, tirado de sua natureza e de sua origem, e que não é próprio de nenhuma das doutrinas filosóficas de concepção puramente humana; é o escudo contra o qual sempre virão quebrar-se todas as tentativas feitas para o derrubar ou o dividir. Essas divisões nunca poderão ser senão parciais, circunscritas e momentâneas.

Falais de seitas que, em vossa opinião, dividem os espíritas, donde concluíis pela ruína próxima de sua doutrina. Mas esqueceram todas as que dividiram o Cristianismo, desde o seu

nascimento, que o ensangüentaram, que ainda o dividem e cujo número, até hoje, não se eleva a menos de trezentos e sessenta. Contudo, malgrado as profundas dissidências sobre os dogmas fundamentais, o Cristianismo ficou de pé, prova de que é independente dessas questões de controvérsia. Por que quereríeis que o Espiritismo, que se liga pela própria base aos princípios do Cristianismo, e que só é dividido em questões secundárias, que dia a dia se esclarecem, sofresse com a divergência de algumas opiniões pessoais, quando tem um ponto de ligação tão poderoso: o controle universal?

Assim, estivesse hoje o Espiritismo dividido em vinte seitas, o que não é nem será, disto não se tiraria nenhuma consequência, porque é o trabalho de parto. Se fossem suscitadas divisões por ambições pessoais, por homens dominados pela idéia de se fazerem chefes de seita, ou de explorar a idéia em proveito de seu amor-próprio ou de seus interesses, indubitavelmente seriam as menos perigosas. As publicações pessoais *morrem* com os indivíduos, e se os que tiverem querido elevar-se não tiverem por si a verdade, suas idéias morrerão com eles e, talvez, antes deles. Mas a verdade verdadeira não poderá morrer.

Estais certo, senhor abade, dizendo que haverá ruínas no Espiritismo, mas não como entendeis. Essas ruínas serão as de todas as opiniões errôneas que entram em ebulição e surgem. Se todas estiverem em erro, cairão todas: isto é inevitável; mas se houver uma só verdadeira, infalivelmente subsistirá.

Duas divisões bem marcadas, e às quais se poderia realmente dar o nome de seitas, se haviam formado há alguns anos sobre o ensino de dois Espíritos que, disfarçando-se com nomes venerados, tinham captado a confiança de algumas pessoas. Hoje não se trata mais disto. Diante de quem tombaram? Diante do bom-senso e da lógica das massas, de um lado, e diante do ensino geral dos Espíritos, em concordância com essa mesma lógica.

Contestareis o valor desse mesmo ensino universal pela razão de que os Espíritos, não sendo mais que a alma dos homens, estão igualmente sujeitos ao erro? Mas estaríeis em contradição convosco mesmo. Não admitis que um concílio geral tenha mais autoridade que um concílio particular, porque é mais numeroso? que sua opinião prevalece sobre a de cada padre, de cada bispo, e mesmo sobre a do papa? Que a maioria faz lei em todas as assembléias dos homens? E não queríeis que os Espíritos, que governam o mundo sob as ordens de Deus, também tivessem os seus concílios, as suas assembléias? O que admitis nos homens como sanção da verdade, recusais aos Espíritos? Então esqueceis que se, entre eles, os há inferiores, não é a esses que Deus confia os interesses da Terra, mas aos Espíritos superiores, que transpuseram as etapas da Humanidade, e cujo número é incalculável? E como nos transmitem as instruções da maioria? É pela voz de um só Espírito, ou de um só homem? Não, mas, como disse, pela de milhões de Espíritos e milhões de homens. É num único centro, numa cidade, num país, numa casta, num povo privilegiado como outrora os israelitas? Não: é em toda parte, em todos os países, em todas as religiões, em casa dos ricos e em casa dos pobres. Como queríeis que a opinião de alguns indivíduos, encarnados ou desencarnados, pudesse prevalecer sobre esse conjunto formidável de vozes? Acreditai-me, senhor abade, essa sanção universal vale bem a de um concílio ecumênico.

O Espiritismo é forte justamente porque se apóia sobre essa sanção, e não em opiniões isoladas. Proclama-se imutável no que hoje ensina, e diz que nada mais tem a ensinar? Não, porque até hoje seguiu, e seguirá no futuro, o ensino progressivo que lhe for dado, e nisto ainda está para ele uma causa de força, pois jamais se deixará distanciar pelo progresso.

Esperai ainda um pouco, senhor abade, e antes de um quarto de século vereis o Espiritismo cem vezes menos dividido do que hoje é o Cristianismo, após dezoito séculos.

Das flutuações que notastes nas sociedades ou reuniões espíritas, concluístes equivocadamente pela instabilidade da doutrina. O Espiritismo não é uma teoria especulativa, fundada sobre uma idéia preconcebida; é uma questão de fato e, por conseguinte, de convicção pessoal. Quem quer que admita o fato e suas conseqüências é espírita, sem que precise fazer parte de uma sociedade. Pode-se ser perfeito espírita sem isto. O futuro do Espiritismo está em seu próprio princípio, princípio imperecível, porque está na Natureza e não nas reuniões, muitas vezes formadas em condições pouco favoráveis, compostas de elementos heterogêneos e, conseqüentemente, subordinadas a uma porção de eventualidades.

As sociedades são úteis, mas nenhuma é indispensável; e se todas deixassem de existir, o Espiritismo não prosseguiria menos sua marcha, visto como não é em seu seio que se forma o maior número de convicções. Elas são muito mais para os crentes que aí buscam centros simpáticos, do que para os incrédulos. As sociedades sérias e bem dirigidas são úteis principalmente para neutralizar a má impressão daquelas onde o Espiritismo é mal apresentado ou é desfigurado. A Sociedade de Paris não faz exceção à regra, porque não se arroga nenhum monopólio. Ela não consiste no maior ou menor número de seus membros, mas na idéia-mãe que representa. Ora, essa idéia é independente de toda reunião constituída e, aconteça o que acontecer, o elemento propagador não deixará de subsistir. Pode, pois, dizer-se que a Sociedade de Paris está em qualquer parte onde se professem os mesmos princípios, do Oriente ao Ocidente, e que se morresse materialmente a idéia sobreviveria.

O Espiritismo é uma criança que cresce, cujos primeiros passos naturalmente são vacilantes; mas, como as crianças precoces, cedo faz pressentir a sua força. É por isto que certas pessoas se assustam e gostariam de o sufocar no berço. Se se apresentasse como um ser tão débil quanto o supondes, não teria

causado tanta emoção, nem levantado tantas animosidades, e vós mesmo não teríeis procurado combatê-lo. Deixai, então, a criança crescer e vereis o que dará o adulto.

Predissestes o seu fim próximo; mas inumeráveis encarnados e desencarnados também fizeram o seu horóscopo, num outro sentido. Escutai, pois, as suas previsões, que se sucedem ininterruptamente há dez anos, e se repetem em todos os pontos do globo.

“O Espiritismo vem combater a incredulidade, que é o elemento dissolvente da sociedade, substituindo a fé cega, que se extingue, pela fé raciocinada, que vivifica.

“Ele traz o elemento regenerador da Humanidade e será a bússola das gerações futuras.

“Como todas as grandes idéias renovadoras, deverá lutar contra a oposição dos interesses que fere e das idéias que derruba. Suscitar-lhe-ão todos os entraves; contra ele empregarão todas as armas, leis e desleais, que julgarão próprias para derrubá-lo. Seus primeiros passos serão semeados de urzes e espinhos. Seus adeptos serão difamados, ridicularizados, vítimas da traição, da calúnia e da perseguição; terão dissabores e decepções. Feliz aqueles cuja fé não tiver sido abalada nesses dias nefastos; que tiverem sofrido e combatido pelo triunfo da verdade, porque serão recompensados por sua coragem e perseverança.

“Não obstante, o Espiritismo continuará sua marcha através das ciladas e dos escolhos; é inabalável como tudo o que está na vontade de Deus, porque se apóia sobre as próprias leis da Natureza, que são as eternas leis de Deus, ao passo que tudo quanto for contrário a essas leis cairá.

“Pela luz que projeta sobre os pontos obscuros e controversos das Escrituras, conduzirá os homens à unidade de crença.

“Dando as próprias leis da Natureza por base aos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, fundará o reino da verdadeira caridade cristã, que é o reino de Deus na Terra, predito por Jesus-Cristo.

“Muitos ainda o repelem porque não o conhecem ou não o compreendem; mas quando reconhecerem que realiza as mais caras esperanças do futuro da Humanidade, aclamá-lo-ão e, assim como o Cristianismo encontrou um suporte em São Paulo, ele encontrará defensores entre os adversários da véspera. Da multidão surgirão homens de escol, que empunharão a sua causa e, pela autoridade de sua palavra, imporão silêncio aos detratores.

“A luta ainda durará muito tempo, porque as paixões, sobreexcitadas pelo orgulho e pelos interesses materiais, não podem acalmar-se subitamente. Mas essas paixões se extinguirão com os homens, e não passará o fim deste século sem que a nova crença tenha conquistado um lugar preponderante entre os povos civilizados, e do século próximo datará a era da regeneração.”

Os Irmãos Davenport

Os irmãos Davenport, que neste momento cativam a atenção em tão alto grau, são dois jovens de vinte e quatro e vinte e cinco anos, nascidos em Buffalo, no Estado de Nova Iorque, e que se apresentam em público como médiuns. Todavia, sua faculdade é limitada a efeitos exclusivamente físicos, dos quais o mais notável consiste em se fazerem amarrar com cordas de maneira inextrincável e se acharem desatados instantaneamente, por uma força invisível, malgrado todas as precauções tomadas para garantir que são incapazes de o fazer eles próprios. A isto juntam outros fenômenos mais conhecidos, como o transporte de objetos no espaço, o toque espontâneo de instrumentos de música, a aparição de mãos luminosas, a apalpação por mãos invisíveis, etc.

Os Srs. Didier, editores de *O Livro dos Espíritos*, acabam de publicar uma tradução de sua biografia, contendo o relato minucioso dos efeitos que produzem e que, salvo as cordas, têm pontos muito numerosos de semelhança com os do Sr. Home. A emoção que a presença deles causou na Inglaterra e em Paris dá a essa obra um poderoso interesse de atualidade. Seu biógrafo inglês, o Dr. Nichols – não foram eles que escreveram o livro, mas lhe forneceram os documentos – limitou-se ao relato dos fatos, sem explicações. Os editores franceses tiveram a feliz idéia de juntar à sua publicação, para compreensão das pessoas estranhas ao Espiritismo, nossos dois opúsculos: *Resumo das leis dos fenômenos espíritas* e *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, além de numerosas notas explicativas no corpo do texto²⁶. Assim, encontrarão nessa obra as informações que desejarem sobre a atuação desses senhores e em cujos detalhes não podemos entrar, pois temos de encarar a questão de outro ponto de vista.

Apenas diremos que sua aptidão para produzir esses fenômenos se revelou desde a infância, de maneira espontânea. Durante vários anos percorreram as principais cidades da América setentrional, onde adquiriram certa reputação. Pelo mês de setembro de 1864 vieram à Inglaterra, onde produziram viva sensação. Sucessivamente foram aclamados, denegridos, ridicularizados e mesmo injuriados pela imprensa e pelo público. Notadamente em Liverpool, foram objeto da mais insigne malevolência, a ponto de verem comprometida a sua segurança pessoal. Sobre eles as opiniões se dividiram; segundo alguns, não passavam de hábeis charlatães; conforme outros, eram de boa-fé e podia-se admitir uma causa oculta para seus fenômenos; mas, em suma, ali conquistaram muito poucos prosélitos à idéia espírita propriamente dita. Naquele país, essencialmente religioso, o bom-senso natural repelia o pensamento de que seres espirituais viessem revelar sua presença por exibições teatrais e proezas admiráveis.

26 Vide o Boletim bibliográfico.

Sendo ali pouco conhecida a filosofia espírita, o público confundiu o Espiritismo com essas representações, delas fazendo uma opinião mais contrária do que favorável à doutrina.

É verdade que na França o Espiritismo começou pelas mesas girantes, mas em condições muito diferentes. Tendo a mediunidade se revelado imediatamente em grande número de pessoas, de todas as idades e de ambos os sexos, e nas famílias mais respeitáveis, os fenômenos se produziram em condições que excluía qualquer pensamento de charlatanismo; cada um pôde certificar-se por si mesmo, na intimidade e por observações repetidas, da realidade dos fatos, aos quais se ligou um interesse poderoso quando, saindo dos efeitos puramente materiais, que nada diziam à razão, viram as conseqüências morais e filosóficas deles decorrentes. Se, em vez disto, esse gênero de mediunidade primitiva tivesse sido privilégio de alguns indivíduos isolados, e que tivesse sido preciso comprar a fé nos palcos improvisados, há muito que não se cogitaria mais dos Espíritos. A fé nasce da impressão moral. Ora, tudo que é susceptível de produzir uma má impressão, a repele em vez de a provocar. Haveria hoje muito menos incrédulos, em relação ao Espiritismo, se os fenômenos sempre tivessem sido apresentados de maneira séria. O incrédulo, naturalmente predisposto à zombaria, não pode ser levado a tomar a sério o que está cercado de circunstâncias que nem impõem respeito nem confiança. Não se dando ao trabalho de aprofundar, a crítica forma sua primeira opinião sobre uma primeira aparência desfavorável e confunde o bom e o mau numa mesma reprovação. Muito poucas convicções se formaram nas reuniões de caráter público, ao passo que a imensa maioria saiu das reuniões íntimas, cuja notória honorabilidade de seus membros podia inspirar toda confiança e desafiar qualquer suspeita de fraude.

Na última primavera, e depois de ter explorado a Inglaterra, os irmãos Davenport vieram a Paris. Algum tempo antes de sua chegada, uma pessoa veio ver-nos, da parte deles, para nos

pedir que os apoiássemos em nossa *Revista*. Mas sabe-se que não nos entusiasmos facilmente, mesmo pelas coisas que conhecemos e, com mais forte razão, pelas que não conhecemos. Assim, não pudemos prometer um concurso antecipado, já que temos por hábito só falar com conhecimento de causa. Na França, onde só eram conhecidos pelos relatos contraditórios dos jornais, a opinião, como na Inglaterra, estava dividida a seu respeito. Não podíamos, pois, formular prematuramente, nem uma censura, que poderia ter sido injusta, nem uma aprovação, da qual se teriam podido prevalecer. Por isto nos abstermos.

Ao chegarem, foram morar no pequeno castelo de Gennevilliers, perto de Paris, onde permaneceram vários meses, não informando o público de sua presença. Ignoramos os motivos dessa abstenção. Nos últimos tempos deram algumas sessões particulares, de que os jornais noticiaram de um modo mais ou menos pitoresco. Enfim, foi anunciada sua primeira sessão pública para 12 de setembro na sala Hertz. Conhece-se o resultado deplorável dessa sessão que, em escala menor, repetiu as cenas tumultuosas de Liverpool, e na qual um dos espectadores, pulando para o palco, quebrou o aparelho desses senhores, mostrou uma tábua e exclamou: “Eis o truque.” Esse ato, inqualificável num país civilizado, levou a confusão ao cúmulo. Não tendo terminado a sessão, devolveram o dinheiro ao público. Mas como tinham sido dados muitos bilhetes de favor, e o caixa constatasse um déficit de setecentos francos, ficou provado que setenta assistentes gratuitos tinham saído com dez francos a mais no bolso, sem dúvida para se indenizarem dos gastos do deslocamento.

A polêmica que se estabeleceu a respeito dos irmãos Davenport oferece vários pontos instrutivos, que vamos examinar.

A primeira pergunta que os próprios espíritas se fizeram é esta: Esses senhores são ou não são médiuns? Todos os fatos relatados em sua biografia entram no círculo das

possibilidades mediúnicas, porque efeitos análogos, notoriamente autênticos, muitas vezes foram obtidos sob a influência de médiuns sérios. Se os fatos, por si mesmos, são admissíveis, as condições nos quais se produzem, é preciso convir, se prestam à suspeição. A que choca logo à primeira vista é a necessidade da obscuridade que, evidentemente, facilita a fraude; mas isto não seria uma objeção razoável. Os efeitos mediúnicos absolutamente nada têm de sobrenatural; todos, sem exceção, são devidos à combinação dos fluidos próprios do Espírito e do médium; esses fluidos, embora imponderáveis, não deixam de ser matéria sutil. Há, pois, aí uma causa e um efeito de certo modo materiais, o que sempre nos fez dizer que os fenômenos espíritas, por se basearem nas leis da Natureza, nada têm de miraculosos. Como tantos outros fenômenos, só nos pareceram miraculosos porque não se conheciam suas leis. Hoje conhecidas essas leis, desaparecem o sobrenatural e o maravilhoso, dando lugar á realidade. Assim, não há um só espírita que se atribua o dom dos milagres; é o que saberiam os críticos, se se dessem ao trabalho de estudar aquilo de que falam.

Voltando à questão da obscuridade, sabe-se que em química há combinações que não podem operar-se à luz; que ocorrem composições e decomposições sob a ação do fluido luminoso. Ora, sendo todos os fenômenos espíritas, como dissemos, o resultado de combinações fluídicas, e sendo esses fluidos matéria, nada haveria de admirar que, em certos casos, o fluido luminoso fosse contrário a essa combinação.

Uma objeção mais séria é a pontualidade com a qual os fenômenos se produzem, em dias e horas certos e à vontade. Esta submissão ao capricho de certos indivíduos é contrária a tudo quanto se sabe da natureza dos Espíritos, e a repetição facultativa de um fenômeno qualquer sempre foi considerada, e em princípio deve ser considerada, como legitimamente suspeita, *mesmo em caso*

de desinteresse e, com mais forte razão, quando se trata de exibições públicas, feitas com fins especulativos, e às quais repugna à razão pensar que Espíritos possam submeter-se.

A mediunidade é uma *aptidão natural* inerente ao médium, como a faculdade de produzir sons é inerente a um instrumento; mas, assim como se precisa de um músico para que um instrumento toque uma ária, necessita-se de Espíritos para que um médium produza *efeitos mediúnicos*. Os Espíritos vêm quando querem e *quando podem*, donde resulta que o médium mais bem dotado por vezes nada obtém; é como um instrumento sem músico. É o que se vê todos os dias; é o que acontecia ao Sr. Home, que muitas vezes ficava meses inteiros sem nada produzir, a despeito de seu desejo, ainda que em presença de um soberano.

Assim, resulta da própria essência da mediunidade – e se pode estabelecer como princípio *absoluto* – que um médium *jamais está seguro* de obter um efeito determinado qualquer, já que *isto não depende dele*; afirmar o contrário seria provar completa ignorância dos mais elementares princípios da ciência espírita. Para *prometer* a produção de um fenômeno a hora certa, é preciso dispor de meios materiais que não vêm dos Espíritos. É este o caso dos irmãos Davenport? Nós o ignoramos. Aos que acompanharam as suas experiências cabe fazer seu julgamento.

Falaram de desafios, de entradas para jogos, propostas a quem fizesse as melhores mágicas. Os Espíritos não são fazedores de mágicas e jamais um médium sério entrará em luta com alguém e, ainda menos, com um prestidigitador. Este dispõe de meios próprios; o outro é o instrumento passivo de uma vontade estranha, livre, independente. Se o prestidigitador diz que faz mais que os médiuns, deixai-o fazer. Ele tem razão, pois age infalivelmente; diverte o público: é sua função; vangloria-se: é seu papel; faz a sua propaganda: é uma necessidade da posição. O

médium sério, sabendo que não tem nenhum mérito pessoal no que faz, é modesto; não pode envaidecer-se daquilo que não é produto de seu talento, nem prometer o que de si não depende.

Contudo, os médiuns fazem algo mais. Por seu intermédio os Espíritos bons inspiram a caridade e a benevolência para com todos; ensinam os homens a se olharem como irmãos, sem distinção de raças nem de seitas, a perdoar aos que lhes dizem injúrias, a vencer as más inclinações, a suportar com paciência as misérias da vida, a encarar a morte sem medo, pela certeza da vida futura; consolam os aflitos, encorajam os fracos e dão esperança aos que não acreditavam.

Eis o que não ensinam nem as mágicas dos prestidigitadores, nem as dos Srs. Davenport.

Assim, as condições inerentes à mediunidade não poderiam prestar-se à regularidade e à pontualidade, que são a condição indispensável das sessões a hora certa, onde é preciso satisfazer o público, custe o que custar. Se, no entanto, os Espíritos se prestassem a manifestações desse jaez, o que não seria radicalmente impossível, desde que os há de todos os graus possíveis de adiantamento, não poderiam ser, em todo o caso, senão Espíritos de baixa classe, porque seria extremamente absurdo pensar que Espíritos, por pouco elevados que fossem, viessem divertir-se fazendo exhibições. Mas, mesmo nesta hipótese, o médium não deixaria de estar à mercê de tais Espíritos, que podem deixá-lo no momento em que sua presença fosse mais necessária, e fazer falhar a representação ou a consulta. Ora, como antes de tudo é preciso contentar o que paga, se os Espíritos faltam, tratam de os dispensar; com um pouco de habilidade é fácil enganar alguém. É o que acontece muitas vezes a médiuns dotados inicialmente de faculdades reais, mas insuficientes para o objetivo que se propõem.

De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à imitação são os efeitos físicos. Ora, não obstante as manifestações reais tenham um caráter distintivo e só se produzam em condições especiais bem determinadas, a imitação pode chegar perto da realidade, a ponto de iludir as pessoas, sobretudo as que não conhecem as leis dos fenômenos verdadeiros. Mas, pelo fato de se poder imitá-los, seria tão ilógico concluir que não existem, quanto pretender que não há diamantes verdadeiros, porque os há falsos.

Não fazemos aqui nenhuma aplicação pessoal; enunciamos os princípios fundados na experiência e na razão, de onde tiramos esta conseqüência: só um exame escrupuloso, feito com perfeito conhecimento dos fenômenos espíritas, pode permitir a distinção entre a trapaça e a mediunidade real. E acrescentamos que a melhor de todas as garantias é o respeito e a consideração que se ligam à pessoa do médium, sua moralidade, sua notória honorabilidade, seu desinteresse absoluto, material e moral. Em tais circunstâncias, ninguém negaria que as qualidades do indivíduo constituem um precedente que impressiona favoravelmente, porque afastam até a suspeita de fraude.

Não julgamos os Srs. Davenport e longe de nós pôr em dúvida a sua honorabilidade. Mas, à parte as qualidades morais, de que não temos nenhum motivo para suspeitar, é preciso confessar que eles se apresentam em condições pouco favoráveis para oficializar seu título de médiuns, e que é no mínimo com grande leviandade que certos críticos se apressaram em os qualificar de apóstolos e de sumo-sacerdotes da doutrina. O objetivo de sua viagem à Europa está claramente definido nesta passagem de sua biografia:

“Creio, sem cometer erro, que foi no dia 27 de agosto que os irmãos Davenport deixaram Nova Iorque, trazendo em sua companhia, por causa de uma debilidade sobrevinda ao Sr. William

Davenport, um ajudante na pessoa do Sr. William Fay, que não deve ser confundido com o Sr. H. Melleville Fay, que, segundo não sei que gênero de autoridade, ao que se diz, foi descoberto no Canadá, tentando produzir manifestações semelhantes, ou, ao menos, que se assemelhavam às dos irmãos americanos. Eram acompanhados pelo Sr. Palmer, muito conhecido como *empresário e intermediário* no mundo dramático e lírico, e a quem, graças à sua experiência, foi confiada a parte material e econômica do empreendimento.”

Está, pois, comprovado que foi uma empresa conduzida por um empresário e intermediário de negócios dramáticos. Os fatos relatados na biografia estão, ao que nos disseram, nas possibilidades mediúnicas; a idade e as circunstâncias em que começaram a manifestar-se afastam o pensamento de embuste. Tudo, pois, tende a provar que esses rapazes eram realmente médiuns de efeitos físicos, como se encontram muitos em seu país, onde a exploração dessa faculdade tornou-se hábito e nada tem de chocante para a opinião pública. Teriam ampliado suas faculdades naturais, como fazem outros médiuns exploradores, para aumentar o seu prestígio e suprir a falta de flexibilidade dessas mesmas faculdades? É o que não podemos afirmar, pois não temos nenhuma prova. Mas, admitindo a integridade de suas faculdades, diremos que se iludiram quanto ao acolhimento que lhe dispensou o público europeu – apresentadas sob forma de espetáculo de curiosidade – e em condições tão contrárias aos princípios do Espiritismo filosófico, moral e religioso. Os espíritas sinceros e esclarecidos, que aqui são numerosos, sobretudo na França, não os podiam aclamar em tais condições, nem os considerar apóstolos, mesmo supondo perfeita sinceridade da parte deles. Quanto aos incrédulos, cujo número também é grande, e que ainda ocupam as primeiras posições na imprensa, a ocasião de exercerem sua verve trocista era muito bela para que a deixassem escapar. Assim, aqueles senhores se

expuseram à mais larga crítica, dando a cada um o direito que se espera ao comprar o bilhete de um espetáculo qualquer. Ninguém duvida que se eles se tivessem apresentado em condições mais sérias, outra teria sido a acolhida; teriam fechado a boca dos detratores. Um médium é forte quando pode dizer corajosamente: “Quanto vos custou vir aqui, e quem vos forçou a vir? Deus me deu uma faculdade e pode me retirar quando lhe aprouver, como me pode tirar a visão ou a palavra. Só a utilizo para o bem, no interesse da verdade, e não para satisfazer a curiosidade ou servir aos meus interesses; dela só recolho o trabalho do devotamento; nem mesmo procuro a satisfação do amor-próprio, pois não depende de mim. Considero-a como uma coisa santa, porque me põe em relação com o mundo espiritual e me permite dar a fé aos incrédulos e consolo aos aflitos. Consideraria como um sacrilégio traficar com ela, porque não me julgo no direito de vender a assistência dos Espíritos, que vêm gratuitamente. Visto que dela não tiro qualquer proveito, não tenho, pois, nenhum interesse em vos iludir.” O médium que assim pode falar é forte, repetimos. É uma resposta irretorquível, e que sempre impõe respeito.

Nesta circunstância, a crítica foi mais que maléfica; foi injusta e injuriosa, englobando na mesma reprovação todos os espíritas e todos os médiuns, aos quais não poupou os mais ultrajantes epítetos, sem pensar até que ponto feria e atingia as mais respeitáveis famílias. Não lembraremos expressões que só desonram os que as proferem. Todas as convicções sinceras são respeitáveis; e todos vós, que incessantemente proclamais a liberdade de consciência como um direito natural, ao menos a respeitai nos outros. Discuti as opiniões: é direito vosso; mas a injúria sempre foi o pior dos argumentos, e nunca o de uma boa causa.

Nem toda a imprensa é solidária com esses desvios do decoro. Entre os críticos, em relação aos irmãos Davenport, uns há

em que o espírito não exclui as conveniências, nem a moderação, e que são justos. A que vamos citar ressalta justamente o lado fraco de que falamos. É tirada do *Courrier de Paris du Monde illustré*, número de 16 de setembro de 1865, e assinada por *Neuter*.

“Uma primeira objeção parecia-me suficiente para demonstrar que os bons rapazes, que deram uma sessão pública na sala Hertz, eram hábeis nos exercícios aos quais os mundos superiores ficavam completamente estranhos. Tiro esta objeção da *própria regularidade com que exploravam seu pretenso poder miraculoso*. Como! garantiam que eram Espíritos que vinham manifestar-se em público em seu proveito, e eis que os irmãos Davenport tratavam esses Espíritos que, afinal de contas, não são seus empregados, com tanta sem-cerimônia quanto um diretor de teatro, ditando regras às suas coristas! Sem perguntar aos seus comparsas sobrenaturais se o dia lhes convinha, se não estavam cansados, se o calor não os incomodava, marcavam uma data fixa, uma hora determinada, e era preciso que os seres fluídicos se deslocassem naquela data, entrassem em cena naquela hora, executassem suas facécias musicais com a precisão de um músico, a quem o seu café-concerto outorga um cachê de alguns vinténs!

“Francamente, era fazer *do mundo espírita uma idéia muito mesquinha*, no-lo apresentar assim como povoado de gênios por encomenda, de duendes assalariados, que iam à cidade a um sinal do patrão. Pois quê! nenhuma folga para esses figurantes *supra-terrestres!* Enquanto uma simples inchação dá ao mais humilde comediante o direito de mudar o espetáculo, as almas da trupe Davenport eram escravas, a quem era interdito tirar pequenas férias. Vale a pena morar em planetas fantásticos para ser reduzido a esse grau de escravidão?

“E para que tarefa eram convocadas essas almas infelizes do além? Para fazer passar suas mãos – mãos de almas! – através da fresta de um armário! *Para as aviltar a ponto de se exibirem*

como saltimbancos! para as constringer a fazer malabarismos com violões, esses instrumentos grotescos, que nem mesmo querem os trovadores que cantam nas praças, com os olhos em moedas de cinco centavos!...”

Com efeito, não é pôr o dedo na ferida? Se o Sr. Neuter tivesse sabido que o Espiritismo diz exatamente a mesma coisa, embora de maneira menos espirituosa, não teria dito: “Mas isto não é Espiritismo!” absolutamente como vendo um curandeiro, diz: “Isto não é Medicina.” Ora, assim como nem a Ciência nem a religião são solidárias com os que delas abusam, o Espiritismo não se solidariza com os que lhe tomam o nome. A má impressão do autor vem, pois, não da pessoa dos irmãos Davenport, mas das condições nas quais se colocam perante o público e da idéia ridícula que dão do mundo espiritual as experiências feitas em tais condições, que chocam a própria incredulidade, por ver aquele mundo explorado e levado à força nos palcos improvisados. Essa foi a impressão da crítica em geral, que a traduziu em termos mais ou menos polidos, e será a mesma toda vez que os médiuns não forem capazes de respeitar a crença que professam.

O insucesso dos irmãos Davenport é um feliz acontecimento para os adversários do Espiritismo, que, no entanto, precipitam-se ao cantar vitória, ridicularizando, desafiando e gritando que seus adeptos estão mortalmente feridos, como se o Espiritismo estivesse personificado nos irmãos Davenport. O Espiritismo não está personificado em ninguém; está em a Natureza, e de ninguém depende travar-lhe a marcha, porque os que tentam fazê-lo trabalham pelo seu avanço. O Espiritismo não consiste em se fazer amarrar por cordas, nem nesta ou naquela experiência física; jamais tendo patrocinado esses senhores, nem os apresentando como pilares da doutrina, que nem mesmo conhecem, nenhum desmentido recebe de sua desventura. Seu fracasso não depõe contra o Espiritismo, mas contra os exploradores do Espiritismo.

De duas, uma: ou são hábeis prestidigitadores, ou são verdadeiros médiuns. Se são charlatães, devemos ser gratos a todos os que ajudam a desmascará-los; a propósito, devemos agradecimentos particulares ao Sr. Robin, por prestar em tudo isto notável serviço ao Espiritismo, que só poderia sofrer caso as suas fraudes se tivessem propagado. Todas as vezes que a imprensa assinalou abusos, explorações ou manobras capazes de comprometer a doutrina, os espíritas sinceros, longe de se lamentarem, aplaudiram. Se são verdadeiros médiuns, não podem servir utilmente à causa, pois as condições em que se apresentam são susceptíveis de produzir uma impressão desfavorável. Num e noutro caso o Espiritismo não tem nenhum interesse em tomar-lhes a defesa.

Agora, qual será o resultado de todo esse escândalo?
Ei-lo:

A crônica, que nesses dias de calor tropical estava de folga, ganha um assunto que se apressa em segurar para encher suas colunas, carentes de acontecimentos políticos, de notícias teatrais ou de salões.

O Sr. Robin aí encontra, para seu teatro de prestidigitação, uma excelente publicidade, que explorou com muita habilidade, que lhe desejamos seja muito frutuosa, porque todos os dias ele fala dos Espíritos e do Espiritismo.

Com isto a crítica perde um pouco de consideração, pela excentricidade e pela incivilidade de sua polêmica.

Os mais prejudicados, materialmente falando, talvez sejam os Srs. Davenport, cuja especulação se acha singularmente comprometida.

Quanto ao Espiritismo, evidentemente é quem mais lucrará. Seus adeptos o compreendem tão bem que absolutamente

não se emocionam com o que se passa e esperam o resultado com confiança. Na província, onde são, mais que em Paris, vítimas das zombarias dos adversários, contentam-se em lhes responder: Esperai, e em pouco tempo vereis que estará morto e enterrado.

Antes de mais, o Espiritismo ganhará com isto uma imensa popularidade e se tornará conhecido, ao menos de nome, por uma porção de gente que dele nunca tinha ouvido falar. Mas, nesse número, muitos não se contentam com o nome; sua curiosidade é excitada pela salva dos ataques; querem saber o que há nesse doutrina, supostamente tão ridícula; irão à fonte, e quando virem que apenas lhes deram uma paródia, dirão a si mesmos que a coisa não é tão má assim. Assim, pois, o Espiritismo ganhará por ser mais bem compreendido, mais bem julgado e mais bem apreciado.

Ganhará ainda pondo em evidência os adeptos sinceros e devotados, com os quais se pode contar, e os distinguir dos adeptos de fachada, que da doutrina só tomam as aparências ou a superfície. Seus adversários não deixarão de explorar a circunstância, para suscitar divisões ou defecções, reais ou simuladas, com a ajuda das quais esperam arruinar o Espiritismo. Depois de terem fracassado por todos os outros meios, é seu supremo e último recurso, mas que não lhes propiciará melhor êxito, porque só destacarão do tronco os galhos mortos, que não davam nenhuma seiva. Privado dos ramos paralíticos, o tronco será mais vigoroso.

Estes resultados, e vários outros, que nos abstermos de enumerar, são inevitáveis e não nos surpreenderíamos se os Espíritos bons tivessem provocado todo esse reboliço apenas para lá chegarem mais depressa.

Exéquias de um Espírita

A alocução seguinte foi por mim pronunciada nas exéquias do Sr. Nant, um dos nossos colegas da Sociedade de Paris, em 23 de setembro de 1865. Publicamo-la a pedido da família e porque, nas circunstâncias relatadas no artigo anterior, ela mostra onde está a verdadeira doutrina.

“Senhores e caros colegas da Sociedade de Paris, e vós todos, nossos irmãos em crença, aqui presentes:

“Há apenas um mês, vínhamos a este mesmo lugar, render as nossas últimas homenagens a um dos nossos antigos colegas, o Sr. Dozon²⁷. A partida de um outro irmão aqui nos traz hoje. Membro da Sociedade, o Sr. Nant também acaba de entregar à terra seus despojos mortais, para revestir o brilhante envoltório dos Espíritos. Vimos, conforme expressão consagrada, dizer-lhe o último adeus? Não, pois sabemos que a morte não passa de uma entrada na verdadeira vida, uma separação corporal de alguns instantes, e que o vazio que deixa no lar é apenas aparente.

“Ó doce e santa crença, que sempre nos mostra ao nosso lado os seres que nos são caros! Mesmo que fosse uma ilusão, deveria ser abençoada, porque enche o coração de inefável consolação! Mas, não; não é uma esperança vã, é uma realidade, atestada diariamente pelas relações que se estabelecem entre os mortos e os vivos, segundo a carne. Bendita seja, pois, a ciência que nos mostra o túmulo como o limiar da libertação, e nos ensina a olhar a morte de frente e sem terror!

“Oh! meus irmãos! Lamentemos aqueles que o véu da incredulidade ainda cega; é para eles que a morte tem terríveis apreensões! Para os sobreviventes, é mais que uma separação, é a eterna destruição dos seres mais caros. Para quem vê aproximar-se

27 Sr. Dozon, autor das *Revelações de Além-túmulo*, 4 vol. in-12; morto em Passy (Paris), em 1^o de agosto de 1865.

a última hora, é o abismo do nada, que se abre à sua frente! pensamento horrível, que legitima as angústias e os desesperos.

“Que diferença para aquele que, não só acredita na vida futura, mas a compreende e com ela se identifica! Já não marcha com ansiedade para o desconhecido, mas com confiança para a nova via que se abre à sua frente; já entrevê, e conta com sangue-frio, os minutos que dela ainda o separam, como o viajante, que se aproxima do termo do caminho, e sabe que, à sua chegada, vai encontrar repouso e receber os abraços dos amigos.

“Tal foi o Sr. Nant. Sua vida tinha sido a do homem de bem por excelência; sua morte, a do justo e do verdadeiro espírita. Sua fé aos ensinamentos de nossa doutrina era sincera e esclarecida; nela hauriu imensas consolações durante a vida, resignação nos sofrimentos que a terminaram e uma calma radiosa nos últimos instantes. Ofereceu-nos um exemplo admirável da morte consciente; seguiu com lucidez os progressos da separação, que se operou sem abalos e, quando sentiu partir-se o último laço, abençoou os assistentes; depois, tomando as mãos do neto, criança de dez anos, as colocou sobre os olhos, para ele próprio os fechar. Alguns segundos depois exalava o último suspiro, exclamando: Ah! eu o vejo!

“Neste momento seu neto, tomado de violenta emoção, foi subitamente adormecido pelos Espíritos. Em seu êxtase, viu a alma do avô, acompanhada por uma multidão de outros Espíritos, elevar-se no espaço, mas preso ainda ao invólucro corpóreo pelo cordão fluídico.

“Assim, à medida que se fechavam sobre ele as portas da vida terrena, abriam-se à sua frente as do mundo espiritual, cujos esplendores entrevia.

“Ó sublime e tocante espetáculo! que não tinha por testemunhas os que a esta hora gracejam da ciência que nos revela tão consoladores mistérios! Eles a teriam saudado com respeito, em

vez de a ridicularizar. Se lhe atiram a ironia e a injúria, perdoemos-lhes: é que não a conhecem e vão procurá-la onde não se encontra.

“Para nós, rendamos graças ao Senhor, que se dignou rasgar aos nossos olhos o véu que nos separa da vida futura, porquanto a morte só parece terrível aos que nada vêem no Além. Ensinando ao homem de onde vem, para onde vai e por que está na Terra, o Espiritismo dotou-o com um imenso benefício, pois lhe dá coragem, resignação e esperança.

“Caro Sr. Nant, nós vos acompanhamos em pensamento no mundo dos Espíritos, onde ides recolher o fruto de vossas provações terrestres e das virtudes de que destes o exemplo. Recebei nosso adeus, até o momento em que nos for permitido aí nos reunirmos.

“Sem dúvida revistes o nosso irmão que vos precedeu há pouco, o Sr. Dozon, e que, certamente vos acompanha neste momento. Unimo-nos a ele, em pensamento, na prece que por vós vamos dirigir a Deus.”

(Aqui é dita a prece pelas pessoas que acabam de deixar a Terra, e que se acha em *O Evangelho segundo o Espiritismo*).

Nota – No momento de imprimir este número, soubemos que o Sr. Nant, consoante disposição testamentária, legou 2.000 francos para serem applicados na propagação do Espiritismo.

Variedades

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho de oito anos. Esse menino, que a todo instante ouve falar de Espiritismo em sua família, e que muitas

vezes assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, foi, assim, iniciado muito cedo na doutrina, muitas vezes surpreendendo pela justeza com que raciocina seus princípios. Isto nada tem de espantoso, pois é apenas o eco das idéias com que foi embalado. Também não é o objetivo deste artigo: é apenas para entrar no assunto do fato que vamos relatar e tem seu propósito nas circunstâncias atuais.

As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias, e conduzidas com perfeita ordem, como devem se todas aquelas nas quais se quer colher frutos. Embora as comunicações escritas nelas ocupem o primeiro lugar, aí também se cuida de manifestações físicas e tiptológicas, mas como ensinamento e jamais como objeto de curiosidade. Dirigidas com método e recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão, pela impressão que produzem, habilitadas a levar à convicção.

É em tais condições que as manifestações físicas são realmente úteis. Falam ao Espírito e impõem silêncio à zombaria. A gente se sente em presença de um fenômeno, cuja profundidade se entrevê, e que afasta até a idéia da brincadeira. Se estes tipos de manifestações, de que tanto se tem abusado, fossem sempre apresentados dessa maneira, e não como divertimento e pretexto para perguntas fúteis, a crítica não as teria acusado de charlatanice. Infelizmente, muitas vezes deram ensejo a isto.

O filho do Sr. Delanne muitas vezes se associava a essas manifestações e, influenciado pelo bom exemplo, as considerava como coisa séria.

Um dia se encontrava com uma pessoa de suas relações e brincava no pátio da casa com sua priminha, de cinco anos, dois meninos, um de sete, outro de quatro anos. Uma senhora que morava no térreo os compeliu a entrar em sua casa e lhes deu bombons. As crianças, como se pode imaginar, não se fizeram rogadas.

A senhora perguntou ao filho do Sr. Delanne:

P. – Como te chamas, meu filho?

Resp. – Eu me chamo Gabriel, senhora.

P. – Que faz teu pai?

Resp. – Senhora, meu pai é espírita.

P. – Não conheço esta profissão.

Resp. – Mas, senhora, não é uma profissão. Meu pai não é pago para isto; ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens.

P. – Menino, não sei o que queres dizer.

Resp. – Como! Jamais ouvistes falar das mesas girantes?

P. – Muito bem, meu amigo, gostaria que teu pai estivesse aqui para as fazer girar.

Resp. – É inútil, senhora; eu mesmo tenho o poder de as fazer girar.

P. – Então, queres experimentar e me fazer ver como se procede?

Resp. – Com muito gosto, senhora.

Dito isto, ele se senta ao pé da mesinha da sala e faz sentar os seus três amiguinhos; e eis os quatro, gravemente pondo as mãos em cima. Gabriel fez uma evocação em tom muito sério e com recolhimento. Mal terminou, e para grande estupefação da senhora e das crianças, a mesinha ergueu-se e bateu com força.

– Perguntai, senhora, quem vem responder pela mesa.

A vizinha interroga e a mesa soletra as palavras: teu pai. A mulher torna-se pálida de emoção. E continua: Pois bem! dizei, meu pai, se devo enviar a carta que acabo de escrever? – A mesa responde: Sim, sem falta. – Para provar que realmente és tu, meu

pai, que estás aqui, poderias dizer-me há quantos anos estás morto? – Logo a mesa bate oito pancadas bem acentuadas. Era justamente o número de anos. – Poderias dizer o teu nome e o da cidade em que morrestes? – A mesa soletra os dois nomes.

As lágrimas jorraram dos olhos daquela senhora que, consternada por esta revelação e dominada pela emoção, não pôde mais continuar.

Seguramente este fato desafia toda suspeita de preparação do instrumento, de idéia preconcebida e de charlatanismo. Também não se podem pôr os dois nomes soletrados à conta do acaso. Duvidamos muito que esta senhora tivesse recebido tal impressão numa das sessões dos Srs. Davenport, ou qualquer outra do mesmo gênero. Aliás, não é a primeira vez que a mediunidade se revela em crianças, na intimidade das famílias. Não é a realização daquelas palavras proféticas: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão?* (Atos dos Apóstolos, 2:17).

Allan Kardec